



**U N
I S
O**

Antologia do 33.º

**Concurso
Literário**

**ANTOLOGIA DO
33.º CONCURSO LITERÁRIO
DA UNISO**

~CAUSOS REGIONAIS~

Copyright © 2014 by Universidade de Sorocaba

Edição
Editora Jogo de Palavras

Ilustração de capa
Domínio Público

Realização
Colegiado de Letras da Uniso

**DADOS INTERNACIONAIS DE CATALOGAÇÃO NA
PUBLICAÇÃO (CIP)**

Uniso, Universidade de Sorocaba.

Antologia do 33.º Concurso Literário da Universidade de Sorocaba:
causos regionais – Alumínio: Jogo de Palavras, 2014. 38 p.

ISBN 978-85-66626-03-2

1. Literatura brasileira. 2. Causos. 3. Cultura Regional

CDD – B869.8

Todos os direitos desta edição são reservados à

Universidade de Sorocaba
www.uniso.br

Editora Jogo de Palavras
www.jogodepalavras.com

Editado no Brasil

UNIVERSIDADE DE SOROCABA

**ANTOLOGIA DO
33.º CONCURSO LITERÁRIO
DA UNISO**

~CAUSOS REGIONAIS~

1.ª edição



EDITORA JOGO DE PALAVRAS

“Meu nome é Osório Sorocaba, sou candidato pelo PQP (Partido Quero o Povo) e prometo fazer muitas melhorias, tirando o atraso que atravanca esses rincões. Vou paralelepipedar a cidade e apedrejar o sertão.”

Trecho de: **O político e o lobisomem**, da autora Saja.

1.º lugar no 33.º Concurso Literário da Uniso.

A Universidade de Sorocaba, por meio do Colegiado do Curso de Letras, promoveu a trigésima terceira edição do CONCURSO LITERÁRIO – 2014. Neste ano, o gênero escolhido para a apreciação foi o *causo*. Cada texto, sob o tema *Cultura Regional*, deveria ter até 2000 palavras e ser registrado na forma escrita, em Língua Portuguesa.

SUMÁRIO

BASTARDO, APAIXONADO E ADIVINHO10

~Mila Olivier~

O CANTO DOS GRILOS.....15

~Maria Urion~

O CONSTRUTOR DE PONTES.....19

~João Camilo de O. Torres~

O POLÍTICO E O LOBISOMEM25

~Saja~

RETROSPECTIVAS E/OU REMINISCÊNCIAS31

~Cesar Augusto Cruz~

**BASTARDO, APAIXONADO E
ADIVINHO**

~Mila Olivier~

Nunca vi homem de maior sorte que o Nhô Bastardo, o mancebo vendedor de pinga que morava em baixo da ponte na saída da cidade. Sem casa, nem cobre, sequer nome ele tinha, conseguiu o que nenhum outro moço de qualidade da região alcançou. O coração de Dona Maria Benta, a filha do prefeito interesseiro, Edmundo.

Não foi preciso valentia, nem ato de loucura, pois Bastardo era muito esperto e assim que os anjos que moravam debaixo da ponte deram oportunidade, sua vida mudou de calma a aventureira.

Aconteceu que um dia, entregando pinga, o jovem se perdeu e foi parar no casebre de um pau de cana que morava no alto do Morro Ipanema. A casa do veio mais parecia a de um cientista amalucado das ideias, cheia de papel rasgado e desenhos doidos que faltava visão da parede. O homem solitário logo foi falando os motivos de tanta bebedeira, tratava-se da mágoa de cidade grande que não respeitou seu trabalho de construtor e taxou o pobre de alienado.

Mas no fim de tanta conversa Bastardo o presenteou com a malvada que fazia doer menos as lembranças. Em troca, ele arrancou da parede alguns papéis e jogou na direção do moço, pedindo que desse fim naquilo.

Mais tarde, no meio da ponte, o entregador cruzou com o prefeito que viu os desenhos e perguntou onde ele conseguiu aquelas doidices. Bastardo, olhando para Maria Benta na charrete, respondeu que tinha visões do futuro.

A velha raposa política, rindo dele, já ia tomando rumo quando o jovem continuou, dizendo que acontecia quando ele menos esperava. Se via uma mulher feia, a intuição era fraquinha, indisposta que só. Se a mulher era bonita, a visão ficava até que boa, decifrável, mas se era Maria Benta, todos os detalhes apareciam sem dificuldades e o mundo se coloria de construções e inventos capazes de criar uma nova cidade.

Maria Benta, que tinha herdado a astúcia do pai, entendeu o recado e gostou das intenções do jovem

convencendo seu pai a dar-lhe uma chance, já que no próximo ano seria eleição. O prefeito, não se sabe se por sua filha ou por interesse próprio, aceitou.

E durante o resto do ano, Bastardo passava as tardes tendo “visões” ao lado de Maria Benta. Construções começaram a ser feitas na cidade, um coreto com decoração de carrossel, o jardim com bancos em forma de coração, uma igreja imperial, a prefeitura de vidro e blocos que se complementavam. Um sonho tomando forma, fazendo a vida de todos os habitantes bem melhor.

Cada vez mais, Bastardo visitava o veio trazendo consigo todos os rascunhos que podia carregar e deixando pinga que não tinha fim, mesmo assim o construtor dava conta e queria mais.

Finalmente chegou o dia, o prefeito se reelegeu e, como prometido numa das conversas, se isso acontecesse, ia dar casamento. O casório estava acontecendo, nada mais podia dar errado. Mas não é que na hora da pergunta desinfeliz se alguém se opunha, o veio apareceu num pau bravo,

provavelmente querendo desfazer as tramas de Bastardo.

O construtor ia soltar pra todo mundo a farsa do entregador de pinga, quando não é que os anjos da ponte interviram de novo e o veio sem sorte, ao mostrar os dentes soltou foi birita. Botou a mão no peito e caiu pra não mais levantar. Era mesmo uma criatura azarada esse veio!

Maria Benta, com medo de ser conhecida como a noiva defunta, agarrou a mão do noivo e fez seguir a cerimônia enquanto ainda tiravam o veio infeliz de lá. Depois teve alívio e a festa, que dedicaram também ao defunto falador.

Tudo acabou bem, pois anos mais tarde, os noivos viraram prefeito e primeira dama. A visão de Bastardo misteriosamente falhou depois de casado, mas a cidade de Bacaroso havia nascido e já estava uma formosura só. E ninguém mais ficou sabendo de como um entregador de pinga que morava de baixo da ponte se tornou prefeito.

Aí vocês me perguntam se ninguém mais sabia, como é que o senhor tá me contando esse caso? Eu lhe respondo sorrindo que não há melhor história do que aquela contada por quem a viveu!

O CANTO DOS GRILOS

~Maria Urion~

Este caso, contado de boca em boca num pequeno vilarejo de pescador, às margens do Rio Jaguaribe no litoral do Ceará, onde, numa determinada época do ano, há uma invasão de grilos cujo canto desagrade a muitos, mas que, curiosamente, encanta a outros tantos, que consideram o canto dos grilos como o som de uma grande orquestra bem regida que soa intensamente e fortemente aos ouvidos como um poderoso alucinógeno que, aos poucos, mas eficazmente, vai tomando conta do corpo e do espírito e leva os ouvintes para bem longe dali, como uma força inexplicável, numa viagem alucinante, repousante.

Dizem, então, que durante muitos anos esses ouvintes de grilos se sentavam na varanda entre o pôr do sol e o começo da noite e noite adentro para viver esse êxtase inexplicável.

Depois começaram a vir os amigos em número cada vez maior e, certa vez, a casinha do lado foi até alugada para uns turistas que vinham ao local todos os

anos especialmente para ouvir o canto mágico dos grilos.

Numa dessas ocasiões e numa dessas noites mágicas regidas pelo encanto do canto dos grilos, ouviu-se um murmúrio, um alvoroço, alguém tinha desaparecido. Várias pessoas andavam de um lado para outro gesticulando e, aos poucos, os encantados iam saindo do torpor como sonâmbulos que não podiam e nem queriam acordar, mas que faziam isso a contragosto.

Em seguida, alguém começou a chorar, as luzes foram acessas e o canto dos grilos foi diminuindo até não se ouvir mais nada, dando lugar à preocupação: todos começaram a se mover freneticamente à procura da mulher-ouvinte-de-grilos que desaparecera.

Chegando ao fim do pequeno caminho que ia até o rio, viram um grande buraco em forma de funil como um grande túnel que desaparecia para o fundo da terra e, quase fechando o buraco, viram, atônitos, milhares, talvez milhões de grilos entrando e desaparecendo no grande túnel, arrastando, como

fazem as formigas, alguma coisa ou alguma criatura muito grande que se debatia com toda a força que ainda lhe restava, mas inutilmente, pois, de repente, toda aquela montanha de grilos desapareceu no buraco sem fundo e sem fim levando sua presa, restando apenas a grama molhada e um silêncio insuportável.

O CONSTRUTOR DE PONTES

~João Camilo de O. Torres~

não muito longe daqui, há uma cidadezinha cercada por água por tudo quanto é lado, chamada Guaxupé. Era tão pequenina que os habitantes perdiam um bom tempo atravessando o rio para fazerem compras e estudarem nas cidades vizinhas. Doutor Oliveira, engenheiro que ali residia, decidiu construir várias pontes e assim facilitar a vida de todos. Dito e feito: as pontes foram erguidas e a população aproveitou bem da melhoria que proporcionavam. Mas o Doutor Oliveira mesmo, nunca utilizou as pontes que construía: morria de medo de atravessá-las. Apenas o Padre Calisto, seu confessor, sabia de tal medo.

Chegou aos noventa anos sem sair da cidade quando começou a definhar, com calma e dignidade. Certa manhã caiu sem forças na cama e nada parecia animá-lo. Os amigos, acreditando tratar-se do último dia de vida, decidiram homenageá-lo e levaram-no para uma das pontes, símbolo de sua grande contribuição para a cidade. Como era muito querido, uma multidão formou-se, seguindo a maca do

velhinho. Com o barulho e o balanço, Doutor Oliveira acordou e viu aterrorizado que se aproximavam de uma ponte. O medo deu-lhe forças e gritou, mas ainda assim não era o suficiente para fazer-se ouvir no meio daquela comoção.

Desesperado, fechou os olhos, gemeu o mais alto que podia e fingiu-se de morto. Quando os presentes perceberam foi aquela tristeza, pois o moribundo fingia bem de morto. Lamentaram, rezaram, fizeram discursos por tanto tempo que Doutor Oliveira pensou que morreria de tanto esperar. Por fim, o Padre Calisto pediu que voltassem com o corpo para que as devidas medidas fossem tomadas. Retornaram com o Doutor Oliveira para casa e deitaram-no na cama, deixando o Padre Calisto rezando a sós com “falecido”.

Assim que viu que os outros saíram, Doutor Oliveira abriu os olhos aliviado. Mas ao ver que fora enganado, o Padre Calisto enfureceu-se e começou um discurso exaltado:

– Mas, por favor, Doutor Oliveira, isso é coisa que se faça?! Fingir-se de morto, desperdiçar tantas extremas unções, tanto choro devotado, enganar todo mundo por conta de um medinho qualquer. Na face da morte! Francamente!

– Mas Padre Calisto... – respondeu Doutor Oliveira antes que morresse ouvindo aquela ladainha – Que fingimento o quê!

– Então, o que foi? Eu é que não vou inventar uma desculpa para todo mundo que achou que você morreu...

E naquele momento, atraídos pelo som da voz, entraram no quarto um mundaréu de pessoas que ficaram surpresas ao verem Doutor Oliveira ainda vivo. O Padre Calisto com ar irado disse:

– Pois é, Doutor Oliveira, conte para todo mundo o que o aconteceu. Agora mesmo.

– Pois não, meus amigos: um milagre acabou de acontecer! – Doutor Oliveira começou para surpresa de todos.

– Milagre?

– Sim, pois, quando minha alma deixou esse corpo, subiu, subiu, subiu. Até chegar nas nuvens. Ao longe via o portão do céu, atrás assim de um morrinho e São Pedro me chamando. Assim que passei pelo morro, me vi diante dos portais, mas para chegar lá tinha de atravessar uma pontezinha sobre um grande buraco que dava para ver a terra cá embaixo! Como tinha muitos outros esperando, parei e hesitei. São Pedro então disse, mandando os outros espíritos se afastarem “Ora, dão licença, que mandei fazer essa ponte só para o Oliveira passar! Depois ela some!” e eu fui obrigado a dizer: “Meu santo, obrigado, mas não sei se quero passar e deixar esses coitados tendo de dar a volta! Não posso passar até que todo mundo passe.” São Pedro ficou tão ofendido que me mandou embora dali dizendo: “Só mando te chamar de novo quando todo mundo acabar de passar então!”. E foi então que ouvi a voz do Padre Calisto, dizendo meu nome, cheio de remorso e abri os olhos aqui no quarto.

O Padre Calisto ficou furioso, mas quem ouviu aquela história acreditou de tal forma que imediatamente saíram comemorando o milagre. Padre Calisto quase virou santo. Enquanto o Doutor Oliveira, por conta daquele milagre, viveu mais alguns meses sem que ninguém mais tentasse fazê-lo atravessar ponte alguma.

O POLÍTICO E O LOBISOMEM

~Saja~

De uma feita, mascateando lá pras bandas dos Tuncum, cheguei ao estabelecimento de Seo Merenciano, venda bem fornida, quase na divisa com o Valado. Havia lá dentro uma aglomeração de gente para ver com os próprios olhos acontecimento que só se dava quando tinha eleição: Seo Levino Pires saía de sua tapera para contar o mesmo caso. Ancião recluso, já entrado em muitas eras, dizia ter mais de cem anos. Quando entrei, ele me disse:

– Se achegue, moço. Ô vendeiro desce um mata-bicho aqui pro mascate, pra mor de rebater a friagem e apagar o pó da viagem.

Aceitei de bom grado a aguardente porque estava mesmo precisado. A plateia impaciente reclamava o famoso caso. Seo Levino se acomodou, pigarreou, limpou o gogó e soltou o verbo:

– Pois foi um acontecido que se deu aqui mesmo, quando oceis nem era nascido. Campeava por essas banda, um caboclo por nome Malaquia, sujeito bem apanhado, forgazão, lá um tanto mandrião é

verdade. Pra pontear uma viola num tinha outro. Mas o sossego do moço se acabou na hora mesma que ele botou os olho na cabocla Etelvina, flor de formosura da cor da canela; potranca das anca larga, mais bunita que luar de lua cheia furando as mata e tecendo renda no chão. Malaquia num se fez de arrogado, pegou da viola, cantou uma moda delorida e foi logo entabulando prosa com o pai da rapariga. O arraiá tava um rebuliço pra mor da festa do padroeiro e das eleição do município. Quando escureceu e a lua cheia começou a despontar no céu, a festa começou com os rojão e buscapé. Nessa mesma hora, vem chegando um armofadinha da cidade, candidato à vereança pelo município, querendo deitar fala pros morador. Sujeito alinhado, cabelo de vaca lambeu, sapato de verniz e camisa da cor da maravilha (aquela flor que oceis da cidade chama de primavera). Depois da confabulação dos festeiro, o engomadinho foi autorizado a falar com o povo. O moço, então, se aprumou, alisou o cabelo (aquele que a vaca lambeu) e desfiou o palavrório:

– Povo obreiro dos Tuncum! Caros correligionários! Meu nome é Osório Sorocaba, sou

candidato pelo PQP (Partido Quero o Povo) e prometo fazer muitas melhorias, tirando o atraso que atravança esses rincões. Vou paralelepipeidar a cidade e apedrejar o sertão.

Etelvina mirabolava que nunca tinha visto moço mais aprumado e num piscava olho. Malaquia que num era bobo nem nada, logo viu o enlevo dos dois. E num é que o danado tá tirando linha com a minha namorada! Que desaforo, pensou ele e foi ficando vermelho, se contorcendo num trejeito esquisito. Etelvina não despregava o olho do tarzinho.

Osório, lá de cima do palanque, notou a belezura da moça. Abreviou o comício e desceu asinha, mais aceso que rabicó de pirilampo, desfiando um rosário de elogio pelo bico doce. A formosa se enlevou com a falação e foi catar gabiroba com o janota, longe das vista do pai. Malaquia, de longe, rosnava que nem cachorro louco. A festança entrou noite adentro e só acabou quando o orvaio começou a cair. Quando o silêncio da madrugada baixou no sertão, só se ouvia os grilo e os sapo. Foi então que

começou a barulheira: grito dos bicho, uivo de fera, coisa arrastada, galho quebrado. Os homens pularam da cama e se reuniram na frente da igreja. Seria uma jaguatirica, um cavalo desembestado, um boi brabo, um cachorro louco? Eu sabia o que era: um lobisomem! Só podia ser. Sexta-feira, noite de lua cheia, não haveria de ser outra coisa. Um mutirão foi formado pra caçar o danado. Inté o armofadinha mostrou valentia. Saiu sozinho, prometendo trazer o bicho pelas oreia e pinchar ele nos pé da formosura. Pensava nos ganho: os voto do povo e o coração da cabocla. Quando amanheceu, vimo a desgraçeira: porteira arriada, criação morta, galinha destroncada, plantação pisada. Ninguém pegou o bicho, mas o Horácio encontrou um pé de sapato e umas roupa rasgada, lá pras banda do ribeirão. Eu bem que vi que era o sapato de verniz do ajambradinho da fala enrolada e os trapo tinha a cor da maravilha. Pronto, o lobisomem comeu o político! Mas, cadê Malaquia? Ninguém sabia. Tinha sumido antes da festa acabar. Parece que o caboclo se escafedeu do sertão. Suverteu. Esguaritou. Ninguém encontrou nem rastro. Será que

o lobisomem comeu ele também? Depois de dois dia, o homem apareceu. Tava de dar dó: tudo sujo de bosta de galinha, rasgado, com a cara inchada, com uma baita dor de dente, pra mor duns fiapo da cor da maravilha que tava entalado nos entrevão dos dente.

Até a próxima eleição, pessoar!

RETROSPECTIVAS E/OU
REMINISCÊNCIAS

~Cesar Augusto Cruz~

Em busca de novos ares, novos horizontes e perspectivas, no final da década de 30, uma família deixou seu domicílio no Estado de Minas Gerais, mais precisamente ao sul e dirigiu-se para o interior de São Paulo, desembarcando numa fazenda chamada Coccoza. Era em São Roque – hoje Mairinque, no bairro do Goianã.

Passado algum tempo, algo em torno de 20 anos, por diversos motivos, mas principalmente pela nostalgia e saudade daqueles que deixara para trás, a matriarca da família, decidiu fazer uma viagem até aquela cidadezinha em Minas Gerais. Ficou pouco tempo e, no retorno, trouxe sua mãe, para que esta pudesse usufruir e gozar da companhia dos seus familiares mais alguns dias de sua vida.

Aqui começa nossa história. Parecia algo escrito muito antes no livro da vida dessas pessoas: essa senhora veio, ficou pouco tempo junto dos seus e veio a adoecer; com a doença, veio a fatalidade.

Foi então que algo impensável nos dias de hoje, ainda mais naqueles dias, de tempos difíceis e poucas possibilidades, aconteceu.

O desejo daquela senhora era ser sepultada na sua cidadezinha, onde viveu seus longos anos e esse desejo tinha que ser realizado. Mas como?

E a distância? E o tempo? Enfim, todas as dificuldades estavam postas na mesa.

Naquele tempo, os velórios ainda aconteciam nas casas das pessoas e numa dessas conversas de velório a situação foi exposta e, como um anjo caído do céu, um morador daquela região, que tinha um caminhão – vejam só – dispôs se a contribuir e assim foi feito.

O plano foi meticulosamente pensado: ao cair do dia, colocaram o caixão na carroceria do caminhão, dois netos acompanhariam o motorista, um na boleia e outro junto do corpo, escondido e para que nada de mais anormal acontecesse e partiram para o sul de Minas.

Do lado de cá, aos familiares, só restou ficarem orando para que tudo corresse bem. Pensem: década de 60, precariedade nas estradas e todas suas nuances...

Pois não é que tudo foi bem? Não houve nenhum comando policial no caminho, tão comum naqueles tempos, principalmente nas divisas entre Estados. O funeral foi realizado logo pela manhãzinha, os pensamentos e as graças foram elevados ao Criador e logo retornaram para São Paulo.

Fico pensando: Quem poderia imaginar ou realizar tal aventura ou algo parecido para satisfazer o desejo maior de outro?

É, já são outros tempos e outras histórias.

Sobre os autores:

Mila Olivier, nome artístico de Camila Oliveira Santos, já marcou presença em vários concursos literários, como o do Rotary Sorocaba, o Sopmac e o Depoesia. Também já publicou nos jornais Terminal, Zona Norte, O Indicador e Ipanema, além de ter participado do Mapa Cultural Paulista. Atualmente, expõe textos e ideias no Slideshare.net.

Contato: *cami.joli@gmail.com*.

Maria Urion, nome artístico de Maria Barbosa, é professora de Educação Artística, formada pela Faculdade de Belas Artes de São Paulo.

Contato: *mariageraldbrasil@yahoo.com.br*.

João Camilo de Oliveira Torres, formado em Arte e Educação, é escritor de contos e roteirista de revista em quadrinhos Sci Fic Punk Project (Devir, 2013).

Contato: *joaocamilotorres@gmail.com*.

Saja, nome artístico de Shirley Aparecida Jamelli de Almeida, tem 59 anos e nasceu na zona rural do município de Socorro (SP). Reside em Sorocaba há 29 anos e atua na rede estadual de ensino há 25 anos. Atualmente, trabalha na Supervisão de Ensino, mas já lecionou no Ensino Fundamental e no Ensino Médio. Sua formação inclui graduações em Letras e Pedagogia, além de Mestrado em Educação.

Contato: *supervisorashirley@yahoo.com.br*.

Cesar Augusto Cruz, tem 41 anos e é professor de Educação Física, formado pela ACM Sorocaba, atuando em escola particulares do Ensino Médio. É pós-graduado em Psicopedagogia pela Uniso, tem MBA em Gestão de Marketing e Recursos Humanos pela ESAMC Sorocaba e se considera amante de histórias típicas, interioranas e cotidianas.

Contato: *cac.gspi@gmail.com*.

Esta é uma obra de ficção, sem compromisso com a realidade.
Livro digital produzido em caráter cultural, sem fins lucrativos.

É permitida a reprodução total ou parcial da obra, desde
que mencionada a fonte.

Obra confeccionada em fonte Garamond, Gabriola e Ravie, em
formato PDF, com exclusividade para a Universidade de
Sorocaba, pela Editora Jogo de Palavras, em outubro de 2014.